

Planalto ganha com eleição dos novos líderes do PMDB e PTB

Genebaldo e Marquezelli vencem disputa com apoio do governo

BRASÍLIA — O governo do presidente Fernando Collor somou importantes vitórias, ontem, no processo de escolha dos novos líderes partidários na Câmara. No PMDB, o deputado baiano Genebaldo Correia — com o apoio dos principais articuladores políticos do Palácio do Planalto e o trabalho intenso do presidente nacional do partido, Orestes Quêrcia — foi reconduzido ao cargo por uma diferença de apenas três votos sobre o gaúcho Odacir Klein. Menos de 24 horas depois de impedir a reeleição do líder do PDS, Victor Faccioni (RS) — e adiar a escolha para terça-feira —, o governo conseguiu evitar a recondução do líder do PTB, deputado Gastone Righi (SP), e garantiu votos para eleger seu preferido, o deputado Nelson Marquezelli (SP). As boas notícias para o presidente da República incluíram ainda a recondução do senador Marco Maciel (PFL) para a liderança do PFL no Senado.

Tais manobras — conduzidas pelos ministros da Ação Social, Ricardo Fiúza, da Justiça, Jarbas Passarinho, e pelo futuro secretário de Governo, Jorge Bornhausen — tornaram mais próximo o fim do Bloco Parlamentar Independentemente, o “bloquinho”, integrado pelo PTB, PDS, PDC e PL. Ontem, os deputados do PDC e do PL procuraram os líderes Eduardo Siqueira Campos (TO) e Ricardo Izar (SP) atrás de uma “saída honrosa” para a retirada dos dois partidos do grupo. Se qualquer deles pedir seu desligamento, o BPI deixa de existir formalmente. Ao governo não interessa a manutenção do bloco, que, unido, somaria 114 parlamentares e teria mais força para pressionar o Planalto.

Os assessores do presidente Collor comemoraram, mas a apertada vitória do baiano Genebaldo Correia sobre o gaúcho Odacir Klein, 52 votos contra 49, deixou clara a divisão do PMDB entre os que querem uma oposição mais aguerrida ao governo e os que preferem a moderação. Antes da eleição, Klein, líder da bancada em 1982, previa que a votação definiria a feição peemedebista na Câmara. O resultado mostrou que há muitos parlamentares do partido a favor de uma oposição mais nítida, defendida pelo gaúcho, mas que a maioria aprova a “oposição de resultados” preconizada por Genebaldo.

André Dusek/AE



Genebaldo

Peemedebistas aprovam 'oposição de resultados'

Por isso, logo após o final da contagem dos votos, Genebaldo anunciou que trabalhará com Klein. Este também prometeu lutar pela unidade e fortalecimento do partido. Ambos se abraçaram na frente das câmeras de televisão. Os discursos dos dois, no início do processo de escolha, mostrou, porém, que as diferenças não são tão profundas. “Fazer oposição não significa votar contra todas as propostas do governo”, afirmou Klein. “E exatamente isso que vimos fazendo”, replicou Genebaldo.

A reunião da bancada foi comandada pelo presidente da Câmara, ÍbSEN Pinheiro (RS), que segundo Klein prometera se manter neutro. ÍbSEN abriu a reunião e foi para seu gabinete. Na última hora, no entanto, partidários de Genebaldo foram chamá-lo e ele votou. Depois, explicou que se mantivera neutro, “mas não omisso”. Só faltou o voto do deputado pernambucano Fernando Bezerra Coelho, que está no Exterior.

No PTB a derrota de Gastone Righi para Nelson Marquezelli começou a ser tramada logo pela manhã por Fiúza, Bornhausen e o líder do PFL, Luis Eduardo Magalhães (BA). Ao governo interessava derrotar Righi, um dos principais defensores, a exemplo do pedessista Faccioni, da formação do “bloquinho”.

A candidatura de Marquezelli foi apadrinhada pelos senadores do PTB, principalmente os paranaenses Affonso Camargo e José Eduardo Andrade Vieira, principal acionista do banco Bamerindus. Os dois são adversários políticos de Righi, que acabou perdendo a disputa também por uma diferença de 3 votos: 15 para Marquezelli e 12 para ele.